

SEXTA-FEIRA

15

FEVEREIRO

1935

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairro.::: radina :::

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosas



A Indolência, ou a Morte do Homem A Questão Vinícola

por A. FERREIRA DA SILVA

A cada passo é frequente ouvir-se dizer, a propósito d'alguem: «Anda no mundo por vêr andar os outros».

Sim, senhores, acho muito bem este dito do povo, porque, referente a muita gente, tem o seu fundo de verdade.

Um razoável número de indivíduos deveria ser considerado uma colectividade de autómatos. Não de homens, mas sim de autómatos. Se os analisarmos, constatamos que neles não há vontade própria, não há acção; no seu peito não há coragem, não há ânimo; são peitos balótos, aonde apenas se concentra ar e aonde falta a energia, predominando apenas a inacção, a indolência.

Ora, positivamente, o indivíduo destituído de acção, aquele que não tem vontade própria, que deixa subjugar-se por aquela inacção do gato borralhento, é de facto um simples autómato que «anda no mundo por vêr andar os outros». É como as Marias que vão com as outras...

A indolência vive na letargia, no marasmo obscuro da indiferença. Há em si o desinteresse por tudo, que sempre manifesta pela maior despreocupação.

Para viver é absolutamente necessário que hajam no espirito os predicados actividade, força de vontade, tenacidade e decisão. Em todos os actos que se empreendam, são qualidades de capital importância para a marcha na vida. Todos nós nascemos, não para servirmos de simples manequins ou estatuetas-ornamento, não para fazer número, porque tal seria contraproducente, mas para todos nós — todos! — desempenharmos, dentro da vida que nos foi concedida, alguma coisa de útil, de benéfico. Mas, logicamente, para isso é inteiramente necessário haver actividade, é inteiramente necessário que haja vida, mas vida alimentada pelo sangue rubro da energia e que se afaste a indolência (esse pesadelo que tantos cérebros domina), causa fatal da decadência, se não a morte material, e mesmo física, do indivíduo.

A indolência é anti-progressista. Não progride. Não pode, por princípio, progredir. A indolência não trabalha. Come, somente, e nós não devemos viver para comer, mas... comer para viver. É diferente.

Mostrar o trabalho ao indolente, indicar-lho, é o mesmo que mostrar a um condenado o patíbulo onde irá

morrer. O indolente detesta o trabalho, olha-o com profundo aborrecimento.

A indolência, senhores, atrazá, retrocede e leva á decadência individual todo aquele que a comportar. Mas, devemos notar que não é aos velhos que cumpre ser activos, ser enérgicos, porque esses, coitados!, não poderão já. É aos novos, aos que se encontram na pujança da vida, áqueles que estão ainda na juventude, que cumpre desenvolver trabalho, agir, procurando elevar-se e, consigo, os outros também, se possível fôr.

A propósito, contaram-me há tempo que, um ilustre aveirense, já velhote, mas que, não obstante, lhe circulava ainda nas veias sangue vigoroso, forte e enérgico, aonde o vigor ainda se não esvaia, numa conversa com alguém, dizia:—... Vocês, que sois novos, apesar de novos, sois todos uns «chez-chez» que para nada valeis!, os nervos parecem morrer-vos dentro das carnes!...

Pois disse e disse muito bem. Desejava esse senhor frizar-lhes que ainda eram os velhos que demonstram muitas vezes o que é energia, o que é tenacidade, e que neles, nos outros, apenas havia a transbordar a falta de ânimo, a falta de coragem, concentrando-se-lhes na massa do sangue a simples e terrível indolência.

Fora, pois, com a indolência, não queiramos ser como os pretos que, já por natureza de raça, lhes predomina a indolência, só trabalhando á força de chicote, e nós somos brancos, não somos pretos!

A indolência é a ruína do indivíduo; mas, cultivada, seria, até, a ruína dum povo, seria a sua morte fatal.

Uma terra sem imprensa é semelhante a um corpo sem voz.

Julião Quintinha.

VERDADES

Dizem as *Novidades* que dois terços dos católicos de Lisboa são apenas católicos por snobismo, dando exemplos de um paganismo arripante, que, sobretudo, desacredita a Religião aos olhos dos sem-religião.

Verdades amargas, mas é assim mesmo.

É, sem dúvida, a questão vinícola o assunto mais palpitante, mais digno de atenção, porque envolve milhares de portugueses que só vivem dos trabalhos vinícolas, e para outros é uma fonte de receita apreciável em extensas regiões, como seja para a nossa — a da Bairrada.

Nós somos pela livre venda do vinho, regimen de oferta e procura; pela rígida fiscalização nos mercados, não excepcionando os hotéis e casas de pasto, obrigando os seus proprietários a darem aos hóspedes e clientes vinho puro.

No Barreiro e Poço do Bispo deve haver essa mesma fiscalização, estando sempre alerta contra os mixordeiros, ganhando assim todos, armazenistas honestos e o público que, nesta época de crise, terá bebido tudo, menos vinho.

Também caiu em desuso, ou por outra, rara vez se cumpre, uma disposição da lei — obrigatoriedade de distribuir pelos militares, nos quartéis, dois decilitros de vinho a cada refeição.

A bebida agradabilíssima, refrigerantes vînicos, devia também, em parte, substituir a cerveja.

Se todos os portugueses compreendessem, nesta hora da maior crise por que tem passado a vinicultura, o seu dever a cumprir, estamos convencidos de que este mal seria atenuado.

Abram-se as fronteiras das nossas colónias, não obrigando ao pagamento de direitos alfandegários durante um determinado período de tempo, dando-se facilidade no retorno dos dinheiros, produto de venda, que a nuvem negra, ave agoirenta que paira sobre as regiões vinhateiras, desaparecerá, aparecendo uma era nova, um sol acariciador e belo a reflectir em muitos lares aonde já entrou a miséria e a fome.

Tito.

ECOS

O QUE É A DEMOCRACIA

UMA pequena cidade dos Baixos Pireneus, durante uma reunião em que tomava parte Louis Barthou, alguém perguntou ao notável escritor e diplomata o que era a Democracia. A pergunta não tinha relação nenhuma com a reunião, mas Barthou respondeu:

— Há cem anos passava nesta praça (estendeu o braço em direcção á janela aberta, que deitava para o largo) um pobre homem com um fardo de mercadorias sobre os ombros; era um desgraçado vendedor ambulante, que ganhava difficilmente a sua vida, de quinta em quinta, de aldeia em aldeia. O negócio correra-lhe bem naquele mês, e como a idade ia avançada e ele se sentia cada vez mais cansado, alugou aqui uma pequena loja e abriu um estabelecimento, um modestissimo estabelecimento. Trinta ou quarenta anos depois, seu filho era um dos comerciantes mais estimados desta cidade, graças á sua seriedade. Casou e um seu filho, neto do vendedor ambulante, foi quatro vezes presidente do ministério, não sei quantas vezes ministro, pertence á Academia Francesa, sobraça a pasta dos Estrangeiros e é, enfim, o homem que têm na sua frente. Aqui está o que é a Democracia».

MANIFESTOS

EXIGEM as leis o manifesto do milho, do feijão, da batata, do trigo, do arroz, etc.

Também exigem o manifesto das galinhas, dos perús, das vacas, dos burros e outras espécies bovinas e cavallares.

O vinho, ainda nas adegas, está sujeito, pelo menos, a dois manifestos: o da Barra e o da Federação.

São tantos os manifestos que, francamente, os lavradores, e em especial os que não sabem ler, por vezes manifestam... o seu aborrecimento.

CONTRA A VELHICE

JÁ os leitores decerto teem ouvido falar no método do dr. Voronoff que restitui ás pessoas velhas o vigor e a frescura da mocidade—o que se consegue com a enxertia das glândulas de macaco.

Para atingir o mesmo fim, um outro médico—o dr. Helan, de Paris—descobriu um processo mais práctico. Simplesmente uma série de 15 injecções de 5 centímetros cúbicos duma preparação de sangue moço para o individuo ficar joven!

Em Portugal, onde, cremos,

ainda nenhum daqueles métodos foi applicado, há quem aconselhe a seguinte receita:

Quatro sardinhas assadas,
Quatro copos de agua-pé,
Quatro beijos numa moça
Põem sempre um velho em pé.

E o remédio não é nada mau de tomar...

É DEMAIS!

POR um decreto de 28 do mês passado, a que no último número deste jornal fizemos referência, um almude do nosso vinho fica sujeito ao imposto de 1 escudo, cobrado pela Federação.

E como á Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro é devido o imposto de 40 centavos—cada medida de 20 litros está assim sobrecarregada com 1\$40.

E' demais, em relação ao preço exíguo porque os nossos vinhos são vendidos nas adegas dos lavradores.

Um só daqueles impostos já não era pouco, atendendo á situação angustiosa da vinicultura.

REMATE CÔMICO

UM actor francês foi almoçar a um restaurante que recentemente se inaugurou em Paris e que se distingue pelos seus preços altíssimos. Quando lhe apresentaram a conta, o artista mandou chamar o proprietário e perguntou-lhe:

—E' esta a minha conta?
—Sim, senhor.
—Então o senhor não me conhece?
—Não tenho esse prazer.
—Sou um colega seu, um colega!

—Ah! Desculpe não o ter reconhecido. Para um colega, faz-se um desconto de 50 por cento.

Quando o artista ia a sair, o dono da casa acompanhou-o amavelmente á porta e, ao despedir-se, interrogou-o:

—Quere fazer o favor de dizer-me o nome do seu restaurante?
—Restaurante? Mas eu não sou dono de nenhum restaurante...

—Mas, não disse que era meu colega?

—Disse.

E, confidencialmente, acrescentou:

—Eu também sou ladrão.

Grémio dos Vinicultores

Pediram a demissão dos lugares de director e vogais da direcção do Grémio dos Vinicultores deste concelho, respectivamente, os srs. António Joaquim de Carvalho, Manuel Rodrigues Simões de Sousa e José Simões Loureiro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

HORAS LIRICAS

BEIJOS

Os beijos fugidios que se dão às escondidas, sem ninguém saber, têm o sabor estranho do ladrão que leva o roubo sem ninguém o vêr.

E os demorados beijos da paixão, que duas bocas trocam a tremer, têm a mais doce e rara sensação que duas almas podem conceber.

Há beijos puros, beijos divinais, que a gente dá e não esquece mais, e até à morte ficam a lembrar.

Mas o que a gente nunca percebeu é se é melhor o beijo que se deu ou se o beijo que se não chega a dar.

ESPINOLA DE MENDONÇA.

Livros & Revistas

«O Brasil e a Emigração Portuguesa» — Pelo Dr. Nuno Simões.

O conhecido homem público, escritor e jornalista muito distinto, nosso amigo, sr. dr. Nuno Simões, acaba de publicar um livro com o título que nos serve de epígrafe e que tem causado justas palavras aos críticos, sobressaindo no jornal «O Primeiro de Janeiro» as do prestante e inclito cidadão, sr. General Norton de Matos. Também o crítico do «Diário de Notícias», A. Pinto, diz sobre o magnífico livro «O Brasil e a Emigração Portuguesa», entre outras coisas, o seguinte: «... Depois, referindo-se ao livro e ao autor, não urdiu êsses capítulos, no remanso dum gabinete, a compulsar uma bibliografia copiosa, e a caldear opiniões alheias pelo crivo dos seus presentimentos ou das suas fantasias. Pensou-os, deixou primeiro amadurecer no seu espírito frutos de análises directas dos fenómenos; visitou depois o Brasil (onde—é curioso registá-lo—como poucos portugueses, deixou lembranças e admirações impercíveis) e, em frente da realidade palpante dos factos, estabeleceu então as suas premissas e conclusões».

Ao dr. Nuno Simões, enviamos um abraço de saudações, por mais êste trabalho em prol do bom nome de Portugal.

«A' Boca Pequena...» — Por Maia Alcoforado.

Mais um bom livro publicado por Maia Alcoforado, a que deu o sugestivo nome «A' Boca Pequena...», onde são focados com inteligência pedaços históricos dos direitos do homem. Kodaquiza pessoas de respeitabilidade nos meios literários, não esquecendo de alinhar nas brilhantes páginas do seu trabalho conhecidas pessoas de bem do nosso distrito. Para o bom êxito do livro de Maia Alcoforado muito contribuiu a editora—Livreria Escolar «Progredior», do Porto.

Os nossos agradecimentos pela oferta.

Máquinas de costura Pfaff, as melhores. Confrontem qualidade e condições. A' venda na Relojoaria Neves.

Por Fermentelos

10-2-1935

Em qualquer direcção que sigamos e para qualquer lado que nos voltemos, só ouvimos improperios e imprecações ao tempo que, parecendo ter seus caprichos, nos flagela sem dó nem piedade, avolumando mais ainda a grande crise que há tempo bastante se faz sentir; e é bem certo que um mal traz muitos, no dizer do nosso bom povo.

O lavrador vê-se em sérios embaraços para sustentar os seus gados e fazer face aos seus encargos, que continuamente se multiplicam, sem que muitas vezes se saiba explicar a razão do successivo agravamento daqueles. O operário vê a situação aflitiva em que o lavrador se encontra e não sabe explicar a origem dêste mal-estar, parecendo-nos que se pode adaptar aquele aforismo que diz: «Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão»; e a caravana passa.

Milhares e milhares de crianças, velhos e adultos, enxameiam o nosso Portugal estendendo a mão á caridade pública, andrajosamente vestidos, tiritando de frio e fome, sem uma esperança em melhores dias, porque o tempo não auxilia, e êsses milionários, que muitas vezes, esquecendo os sentimentos humanitários por que se devem nortear todos os bons corações e espíritos bem formados, olham êsse desgraçado a quem a sorte não protegeu, lançando-o para a miséria, como uma fera ou um monstro para quem não deve haver piedade nem comiserção, nem mesmo o direito á vida, e quantos até, sentados a uma boa mesa, aonde não falta nada do bom e do melhor, ao sentirem um desgraçado bater-lhe á porta implorando qualquer coisa com que possa saciar a fome ou cobrir a nudez, lhe lançam um gesto de repulsa, aculando-lhe o seu valente cão de guarda; e assim vão correndo de terra em terra, até que, alquebrados das forças, se estendam sobre uma valeta dormindo o derradeiro sono, um sono bem merecido.

— Não ignoram o quadro negro de miséria que vai nesta terra e limitrofes os membros das comissões ad-

Religiões

Ninguém conhece a Verdade

Nenhuma doutrina a respeito de Deus, da origem do mundo, ou da origem e destino dos homens é aceita por todos aqueles que pensam: a respeito dêsses assuntos só se podem fazer suposições.

Há três grandes religiões: o budismo, o cristianismo e o mahometismo, seguidas pela imensa maioria dos homens; pois bem—os dogmas dessas tres religiões estão todos em desacôrdo.

Os próprios cristãos dividem-se em protestantes, em católicos, em ortodoxos, etc.

Os crentes de cada um dêsses grupos não estão de acôrdo no que hão-de acreditar.

O facto prova que ninguém conhece a verdade; e por isso é insensato e criminoso perseguir aqueles que não compartilham das nossas crenças.

Cada qual deve ter a liberdade de crer ou de não crer.

Em França e em Portugal o Estado não sustenta nem reconhece nenhum culto: cada qual vai á igreja que escolheu, ou não vai a nenhuma, se isso lhe agrada mais.

A religião é um assunto de ordem privada em que ninguém deve intervir.

Nada mais razoável nem mais justo do que a absoluta liberdade de crenças.

Julio Payot.

ministrativas, para que, num gesto simpático e a bem de toda a classe agricola, proprietário e operário, modifiquem êsses regulamentos que regem a apanha do moliço, pois que, dadas as circunstâncias em que a Pateira se encontra, centenas de carros de moliço se extrairiam, que viriam matar muita fome e evitar a saída de capital bastante para a compra de matérias quimicas na cultura da batata e milho. E se amanhã vier uma inundação que, levando o moliço que lá está, dificulte ainda a apanha no tempo competente, quem remediará então êsse mal?

Não queiram sacrificar centenas de pessoas ao capricho de meia dúzia.

— Sepultou-se na terça-feira a alegre e folgazã Madalena Miranda, sendo a sua morte muito sentida.

A toda a família enlutada, renovamos os nossos pêsames.

C.

Agradecimento

Nós, a família de Adriano Rodrigues Cancela, pelas muitas e muitas provas de estima recebidas a quando da sua morte, reconhecemos, por êsse motivo, aliás consolador, ser difícil dirigir um agradecimento directo, como desejaríamos, a todos os Amigos que, por nossa casa, passaram; assim, e para que não haja a mínima deficiência no cumprimento dêste dever, que é do coração, procuraremos, por êste meio, publicamente, levar, a todos, a certeza do nosso reconhecimento pela grande manifestação de solidariedade a que pudemos assistir, e que profundamente nos sensibilizou, aliviando a nossa dôr.

EDITAL

A Comissão Venatória dêste concelho faz saber que é expressamente proibido trazer cães á solta desde 15 de Fevereiro a 1 de Setembro (defêso da caça).

Contra os donos dos cães, encontrados soltos, se procederá nos termos do art. 19.º do Código da Caça e nos do art. 8.º do decreto n.º 18:725, de 2 de Agosto de 1930, se para tanto houver motivo.

A experiência tem demonstrado os bons resultados obtidos com o cumprimento destas disposições legais, e por isso se apela para o bom senso dos Senhores caçadores, para que cumpram êste dever e auxiliem os guardas especiais de caça, em serviço neste concelho, na repressão contra quem o não queira cumprir.

Qualquer pessoa pode participar a transgressão dêstes preceitos legais directamente a esta Comissão Venatória.

Secretaria da Comissão Venatória do Concelho de Oliveira do Bairro, 10 de Fevereiro de 1935.

O PRESIDENTE,

Joaquim Ferreira de Carvalho.

LUTUOSA

Ao cabo de poucos dias de sofrimento, finou-se nesta vila, no dia 5 do corrente, o sr. Manuel Lourenço Briosa, negociante e proprietário, de 67 anos de idade.

Homem modesto, mas muito sério e prestável, gosava por tal motivo de grande consideração e geral estima.

O funeral, realizado no dia seguinte, foi uma das maiores manifestações de pesar a que aqui temos assistido, pelo elevado número de pessoas que nela tomaram parte, não só do concelho, como de fóra, e o testemunho de apreço pelas suas belas qualidades de caracter.

Conduziu a chave da urna o sr. António Tavares de Castro, administrador do concelho; e as corôas, oferecidas pela família e com sentidas dedicatórias, foram levadas pelos srs. José de Matos, de Aveiro, e José Nunes Condesso.

Durante o trajecto, da residência do morto até ao cemitério, a Música Velha de Fermentelos executou uma comovente marcha fúnebre.

Sentindo a perda de tão bondoso cidadão, enviamos os nossos pêsames a toda a família, especialmente á viúva e seus filhos, 3 dos quais contamos no número dos nossos dedicados assinantes.

Há dias faleceu também no Cercal o sr. Manuel Pires Correia, que contava apenas 43 anos de idade.

Os nossos sentimentos á família enlutada.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

Sociedade

CASAMENTOS

Com a menina Maria Rita Pires de Almeida, do Cercal, filha do sr. António Rodrigues d'Almeida e da sr.ª Emília Pires de Almeida, consorciou-se no dia 4 do corrente o sr. Henrique Francisco Pataco, desta vila, filho do sr. Joaquim Francisco Pataco e da sr.ª Maria Tereza, já falecida.

— Realizaram também o seu casamento: no dia 6, o sr. José Maria Ferreira da Cruz com Ana Rosa de Jesus, ambos do Cercal; e no dia 8, o sr. António Francisco dos Santos com Rosa de Oliveira Campos, ambos da Carneira de Vila Verde.

Aos noivos, desejamos muitas felicidades.

Leitora: Quando visitares Aveiro, não esqueças de visitar a Abadia, que fica em frente da sempre atraente montra do sr. Osório, dos panos, e também de boas sedas para toilettes.

Quem espreitar da esquina da Relojoaria Vilar, vê em frente: — ABADIA.

Assinaí e propagai a «Alma Popular».

Paços do Concelho

Estão quasi concluidas as obras dos Paços do Concelho, motivo porque já ali se encontram de novo instaladas as repartições publicas que anteriormente ali funcionavam.

VINHO MOSCATEL

S. LOURENÇO

Manuel de Matos Ala
BUSTOS



Comunicados

A minha resposta ao sr. Manuel F. Migueis, de Vila Verde

Cá estamos novamente, dando ao sr. Migueis o prazer de expôr a sua obra...

O relaxe dos pousios (palhal) fui eu que o paguei, o que provo com os próprios funcionários da Fazenda. Do mato da Balan-cha ninguem lhe pediu contas, por haver sido pago ao dono. Se o não paguei ao sr., foi para evitar que lhe fizesse o mesmo que quiz fazer ao da Cova da Areia. O sr. arrendou por 6 alqueires de milho, pelo menos, a parte do aido das casas pertença dos menores, e em 30 de Outubro p. p. ainda afirmava ter sido sómente por 3. Por mais que meu cunhado barafustasse, o sr. só lhe deu alqueire e meio, que veio perfazer 25, dos quais 2 eram pelas almas — dizia.

Diga, sr. Migueis: A quem pagou os carros de adobos, dos menores, que leyrou para reconstruir os seus currais? Para que levou da casa de arrecadação um pulverizador, um pote, uma panela de ferro, uma fremepe, uma peneira de sêda, um tacho de cobre, etc., etc., e com que direito se serve d'esses objectos em casa?

O sr. vendeu as agulhas de alguns pinhais (note bem, de alguns, porque os outros, apesar de terem pinheiros, nunca, durante a sua administração, deram agulhas...) 2 anos. A quem e por quanto vendeu as dos restantes 4 anos da sua tutoria? O sr., cortando pinheiros, abriu em todo o comprimento um caminho de carro no pinhal do Camarnal. A quem e por quanto vendeu os pinheiros cortados? Um dos pinhais do Vale Salgueiro tem mato de 2 a 3 anos, o máximo. Como o sr. o administrou 6 anos, quem o roçou? O sr. arrendou ao Manuel Lucindo e outros os pousios (palhal) pertença do menor, e só nos primeiros 2 anos lhe deu alguma coisa d'esse rendimento. Nos restantes 4 anos não lhe rendeu nada? Mas o Lucindo ainda o ano p. passado lhe cortou a erva uma ou duas vezes. Um ano que tive a minha parte por arrotear, vendi-lhe a erva bem vendida. Alguns arrendatários dos prédios do menor afirmam ter pago sempre as rendas a dinheiro e que o sr. nunca lhe cobrou menos de 10 a 11 escudos por alqueire. Como o sr. pagou ao rapaz a 7\$50, para quem foi a diferença?

Eu quiz sempre que meu cunhado lhe passasse recibo da quantia recebida; o que não quiz foi que êle lhe passasse nota de liquidado, visto ainda o não estar.

Diz o sr. que as contas que a principio entregou foram as mesmas que pagou em Anadia. Exactamente. Vender mato por 120

esc. e não o creditar; debitar 36\$20 e verbas aproximadas de fazer a passagem de prédios para a matriz do Albino, o que se faz com 9\$00; debitar buscas a 20 e 30 escudos, sem apresentar qualquer documento; debitar 87\$80 do pagamento dum relaxe sem o haver feito; debitar 721\$50 de custas pagas no tribunal, quando só havia pago 282\$18, etc., etc.; finalmente, fazer-se crédor de 78\$50, para mais tarde confessar dever e pagar 1:040\$00, é tudo a mesma coisa. A diferença é nula, pois não é?

Tenho em meu poder a já referida conta corrente que, de hoje em diante, fica à disposição de quem a quizer vêr e conferir, para avaliar da verdade dos factos.

Pedi a verdade, aí a tem. Se quizer mais...

Alagôa, 6 de Fevereiro de 1935.

João Ferreira Cardoso.

Declaração

Eu, abaixo assinado, declaro estar pago e satisfeito do mato da Balan-cha, que por engano foi vendido a meu irmão Manuel pelo sr. João Martins d'Oliveira.

Mais declaro que o relaxe dos pousios foi pago em Dezembro de 1932 por meu cunhado João Ferreira Cardoso, o qual me enviou nessa data os respectivos conhecimentos. E que do meu extutor, embora tivesse de lhe pagar 87\$80, só recebi o conhecimento dum outro relaxe de 28\$70, que também lhe paguei.

Olivais (Lisboa), 8 de Fevereiro de 1935.

Albino Francisco Moreira.

Foot-ball

Como fora anunciado, veio no dia 3 a esta vila, a fim de inaugurar o Campo de S. Sebastião, que há pouco foi reparado, a primeira categoria do «Beira-Mar», que jogou com o «Sport Club Oliveirense».

A hora marcada começou o desafio, em presença duma assistência numerosa, ávida de presenciar tão ansiado encontro. Deu o ponta-pé inicial a sr.ª D. Ana de França Figueiredo Romão, esposa do sr. Manuel da Maia Romão, sub-inspector escolar em Aveiro, tendo o resultado final sido honroso para ambos os grupos, pois empataram por 2-2, depois de esplêndidas jogadas, que o público seguiu com entusiasmo.

Os aveirenses retiraram satisfeitos pela fôrma como foram acolhidos e tratados.

No domingo jogaram aqui as reservas do «S. C. Oliveirense» e um grupo da Póvoa do Varzim, que venceu por 3-1.

Correspondências

Mealhada, 13-2-935.

O Grupo Dramático e de Beneficência da Mealhada, realiza no próximo dia 24, em Oliveira do Bairro, um grandioso espectáculo, para inauguração do Salão de Beneficência e Recreio desta vila, para o qual reverterá 25% da receita, subindo à cena a interessante revista de costumes portugueses *Toma que já Almoçaste*, seguida dum deslumbrante acto de variedades.

(Correspondente).

Letra desaparecida

Manuel d'Oliveira, comerciante, da Rua Nova, do Troviscal, tendo-lhe desaparecido uma letra de 500 escudos, retirada por um filho de 4 anos, pede a quem a achasse o favor de a entregar.

Adolfo R. d'Almeida Ribeiro

ADVOGADO

Com escritório em frente dos Paços do Concelho e junto à Farmácia Barros, aceita procurações e encarrega-se da cobrança de dívidas.

Consultas—Quartas-feiras, das 11 às 4 da tarde; aos domingos, das 10 à 1 da tarde.

Colmeias Móveis

Mudança d'abelhas de cortiços para as mesmas, utensílios para apicultura, cera moldada e mel puro centrifugado.

Para se certificarem, agradece uma visita aos seus Apiários em Bustos

Herculano da Silva.

AVISO

Maria Ferreira, viuva, do Repolão, previne, por este meio, todas as pessoas de que é usufrutuária dos bens que foram vendidos às suas filhas Ana e Rosa, não tendo valor jurídico as vendas que estas façam de pinheiros ou quaisquer outras árvores, procedendo judicialmente contra comprador e vendedor logo que de qualquer venda tome conhecimento.

Maria Ferreira.

Bicicleta desaparecida

No dia 9 do corrente desapareceu duma casa, no lugar da Azurveira, freguesia de Bustos, uma bicicleta HUMBER, quasi nova.

Gratifica-se a pessoa que, sabendo do seu paradeiro, o partícipe a José Loureiro, do referido lugar.

Fibro-Cimento LUSALITE

Material fabricado com cimento e amianto, o que há de melhor para o que a seguir é indicado:

Em chapas onduladas. (Para telhados e quaisquer outras coberturas.

Em chapas lisas. (Para tabiques, tétos, lambris, e outras variadíssimas aplicações.

Em tubos (Para toda a espécie de canalizações, com diâmetros desde 50 a 400 mm.

Este produto, que se pode serrar, furar, pular ou pintar, reúne consideráveis vantagens sobre o que até hoje se tem empregado para os fins a que o mesmo se destina.

Mostruário e esclarecimentos

Abecassis (Irmãos), Buzaglos & C.ª

OLIVEIRA DO BAIRRO

Ferreira da Costa

Médico especialista

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta

Consultas aos domingos, das 9 às 12 horas, no Hospital da Misericórdia de Aveiro.

Relógios de bolso, parede e despertadores, estojos para brindes, etc., etc., vendem-se na Relojoaria Neves.

CASA

VENDE-SE uma, nova e bem situada, nesta vila. Informa-se nesta redacção.

Arlindo Vicente

ADVOGADO

Consultas no Troviscal, até às 11 horas.
Depois das 12 no Escritório em Anadia.

Alfaiataria Paris

António Berne Cardoso

Elegância e bom acabamento é a divisa desta casa. — A sua obra é o seu verdadeiro réclamo.

OLIVEIRA DO BAIRRO

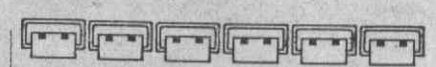
HOMEM

PRECISA-SE, com bastante expediente, para venda de diversos produtos nas feiras. Dá-se boa comissão. Exige-se fiador.

Informa Abel de Sá—OIÀ.

Ama de primeiro leite

Muito saudável, oferece-se. Falar na Rua Gustavo Pinto Basto, n.º 5 — AVEIRO.

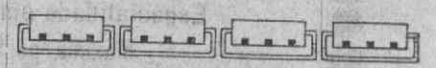


Abilio Nápoles

ADVOGADO

AGUEDA

Aceita procurações na comarca de Anadia. Aos domingos, até às treze horas, pode ser procurado em Barrô.



Grafonolas e discos «Odeon» e «Brunswick», vendem-se na Relojoaria Neves.



Cartões de visita—Imprimem-se, com perfeição e rapidês, na TIP. POPULAR, desde 6\$000 o cento.



NOVA Oficina de Ferrador

António Alberto da Rosa & Filhos

Da Vila de Fermentelos

Ferrador, Alveitar e Castrador

FERRADOR E CASTRADOR

Diplomado com os seus exames pela Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, vem por este meio fazer saber que acaba de abrir em Oliveira do Bairro uma nova oficina de ferrador, na antiga casa de ferrador, próximo da residência do sr. dr. Costa. Esta encontra-se aberta todas as quartas-feiras e aos domingos até ao meio dia. Recebem-se nestes dias todos os trabalhos pertencentes a esta arte, que se executam com perfeição e a preços rasoáveis.

Agência d'O Primeiro de Janeiro

RELOJOARIA NEVES

Dão-se todos os esclarecimentos

Quinta em Oliveira do Bairro

Ainda não está vendida a Quinta do Vale do Mouro, situada à beira da Estrada Nacional n.º 40, que há meses andou anunciada neste jornal.

Resolveu-se vendê-la agora, livre e alodial, por um preço muito rasoável.

Quem pretender, deve dirigir-se, em Oliveira do Bairro, ao Ex.º Senhor António Tavares de Castro, ou ao seu proprietário—Manuel da Silva Teixeira.

Oliveira do Bairro, 27 de Junho de 1934.

